

EZEQUIEL MARTINS FERREIRA
(ORGANIZADOR)



O SABER (DES)INTERESSADO, ÚTIL E
CRUCIAL DAS CIÊNCIAS HUMANAS

Atena
Editora
Ano 2021

EZEQUIEL MARTINS FERREIRA
(ORGANIZADOR)



O SABER (DES)INTERESSADO, ÚTIL E
CRUCIAL DAS CIÊNCIAS HUMANAS

Atena
Editora
Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

O saber (des)interessado, útil e crucial das ciências humanas

Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S115 O saber (des)interessado, útil e crucial das ciências humanas / Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-546-1

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.461211410>

1. Ciências humanas. I. Ferreira, Ezequiel Martins (Organizador). II. Título.

CDD 101

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

A coletânea *O saber (des)interessado, útil e crucial das ciências humanas*, reúne onze artigos discutindo geografia, educação e saúde.

Nos artigos *Migração: Uma Constante na História da Humanidade e Migrações Portugal/Brasil e Reconhecimento de Estudos: Trajetórias de Vida de Imigrantes*, os autores refletem o fenômeno da migração ao longo da História da humanidade, assim como migrações pontuais e abordam sobre as mudanças culturais fruto das migrações.

Em *Regime Pluviométrico e Fluviométrico na Bacia Hidrográfica do Tibagi-PR Para o Período de 1986 a 2015*, os autores apresentam dados históricos que apontam para a constituição da Bacia Hidrográfica do Tibagi.

No artigo *Potenciais do Semiárido e as Técnicas e Tecnologias Apropriadas para o Desenvolvimento Sustentável*, os autores apresentam os potenciais do bioma da caatinga para um desenvolvimento sustentável da região.

Em *Elaboração dos Planos Locais de Habitação de Interesse Social (Plhis), em Municípios de Pequeno Porte 1, Pertencentes à Associação dos Municípios do Vale do Ivaí – Amuvi: Limites e Desafios*, as autoras apresentam políticas habitacionais e noções importantes sobre o planejamento urbano.

Nos artigos *A Geografia e as Diversas Linguagens: paisagem na literatura de Calvino e Borges; O Brincar Enquanto Recurso Pedagógico; A Formação do Professor no Curso de Licenciatura em Química: Saberes e Identidades no Contexto Capitalista Contemporâneo; e Educação Integral E(M) Tempo Integral: Concepções e Análises* é a educação quem ganha a cena das discussões.

E por fim, duas discussões sobre a saúde em *Habilidades Sociais e Saúde Mental de Universitários da Facig, nos Cursos da Área de Saúde; e Doença de Alzheimer: Envelhecimento, Elaboração de Perdas e Intergeracionalidade*.

Uma boa leitura!

Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO


CAPÍTULO 1..... 1

MIGRAÇÃO: UMA CONSTANTE NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE

Carlos Ruz Saldivar

César Augusto S. da Silva

Carlos Ruz Báez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4612114101>

CAPÍTULO 2..... 11

MIGRAÇÕES PORTUGAL/BRASIL E RECONHECIMENTO DE ESTUDOS: TRAJETÓRIAS DE VIDA DE IMIGRANTES

Alboni Marisa Dudeque Pianovski Vieira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4612114102>


CAPÍTULO 3..... 25

REGIME PLUVIOMÉTRICO E FLUVIOMÉTRICO NA BACIA HIDROGRÁFICA DO TIBAGI-PR PARA O PERÍODO DE 1986 A 2015

Bruno Henrique Costa Toledo

Emerson de Souza Gomes

Aparecido Ribeiro de Andrade

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4612114103>


CAPÍTULO 4..... 36

POTENCIAIS DO SEMIÁRIDO E AS TÉCNICAS E TECNOLOGIAS APROPRIADAS PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Afonso Gilberto Galvão

Lucas Ramon Rodrigues Leal

Valdemir de Paula Matias


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4612114104>

CAPÍTULO 5..... 46

ELABORAÇÃO DOS PLANOS LOCAIS DE HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL (PLHIS), EM MUNICÍPIOS DE PEQUENO PORTE 1, PERTENCENTES À ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO VALE DO IVAÍ – AMUVI: LIMITES E DESAFIOS

Elisângela Costa de Araujo

Sandra Maria Almeida Cordeiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4612114105>

CAPÍTULO 6..... 59

A GEOGRAFIA E AS DIVERSAS LINGUAGENS: PAISAGEM NA LITERATURA DE CALVINO E BORGES

Ivanaíla de Jesus Sousa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4612114106>

CAPÍTULO 7	71
O BRINCAR ENQUANTO RECURSO PEDAGÓGICO Ezequiel Martins Ferreira  https://doi.org/10.22533/at.ed.4612114107	
CAPÍTULO 8	82
A FORMAÇÃO DO PROFESSOR NO CURSO DE LICENCIATURA EM QUÍMICA: SABERES E IDENTIDADES NO CONTEXTO CAPITALISTA CONTEMPORÂNEO Floriza Gomide Sales Rosa Meireles Patrícia Nepomuceno dos Santos Wellington Bezerra Meireles Gomide  https://doi.org/10.22533/at.ed.4612114108	
CAPÍTULO 9	93
EDUCAÇÃO INTEGRAL E(M) TEMPO INTEGRAL: CONCEPÇÕES E ANÁLISES Nadja Regina Sousa Magalhães Luciana Serra Passos Najla Cristina Sousa Magalhães  https://doi.org/10.22533/at.ed.4612114109	
CAPÍTULO 10	101
HABILIDADES SOCIAIS E SAÚDE MENTAL DE UNIVERSITÁRIOS DA FACIG, NOS CURSOS DA ÁREA DE SAÚDE Laís da Silva Huebra Juliana Santiago da Silva Márcio Rocha Damasceno  https://doi.org/10.22533/at.ed.46121141010	
CAPÍTULO 11	113
DOENÇA DE ALZHEIMER: ENVELHECIMENTO, ELABORAÇÃO DE PERDAS E INTERGERACIONALIDADE Sandra Rabello de Frias Luciana da Silva Alcantara  https://doi.org/10.22533/at.ed.46121141011	
SOBRE O ORGANIZADOR	122
ÍNDICE REMISSIVO	123

CAPÍTULO 6

A GEOGRAFIA E AS DIVERSAS LINGUAGENS: PAISAGEM NA LITERATURA DE CALVINO E BORGES

Data de aceite: 01/10/2021

Data de submissão: 27/07/2021

Ivanaila de Jesus Sousa

Secretaria Municipal de Educação – SEMEC
Teresina – Piauí
<http://lattes.cnpq.br/7288220154824726>

RESUMO: Este trabalho tem por finalidade refletir sobre a relação entre ciência e arte, mas especificamente, acerca das possibilidades de interlocução entre a Geografia e a literatura à luz da Geografia humanista. Abordará o conceito de paisagem nos contos: “Cidades contínuas” (1972) e Férias num banco da Praça (1963) de autoria de Ítalo Calvino e, o conto “O Aleph” (1949) de Jorge Luís Borges. Tais reflexões serão desenvolvidas a partir dos conceitos de “paisagem container”, “paisagem moderna” e “paisagem esponja”. A partir das análises dos contos de Calvino e Borges, estabelecer essa relação entre Geografia e Literatura, tomando como conceito-chave a paisagem. E, percebendo-a como multidimensional, multitemporal e multiespacial. A metodologia restringiu-se ao levantamento bibliográfico, leitura e fichamento das obras e artigos relativos à temática em questão. O texto encontra-se estruturado em duas seções principais nas quais serão abordadas a relação entre ciência e arte e as possibilidades de interação entre a Geografia e a Literatura. Conclui-se que a Geografia faz uso da poesia, da música, da pintura e

da literatura como forma de expressão. Se a literatura é uma mimese do mundo e a Geografia a apuração crítica dos geógrafos, ambas são representações que permitem tornar o mundo inteligível. A nossa intenção não foi esgotar as reflexões acerca da relação entre Geografia e Literatura, mas apresentar uma contribuição à análise geográfica.

PALAVRAS - CHAVE: Geografia. Paisagem. Literatura.

GEOGRAPHY AND THE VARIOUS LANGUAGES: LANDSCAPE IN CALVINO AND BORGES LITERATURE

ABSTRACT: This paper aims to reflect on the affinity between science and art, but specifically on the possibilities of interlocution between geography and literature within a humanist perspective. It will address the concept of landscape in the short stories: “Continuous Cities” (1972) and Vacations on a bench in the Square (1963) by Italo Calvino and the short story “O Aleph” (1949) by Jorge Luís Borges. Such reflections will be developed from the concepts of “container landscape”, “modern landscape” and “sponge landscape”. From the analysis of the tales by Calvino and Borges to establish this affinity between Geography and Literature, taking landscape as a key concept. And, perceiving it as multidimensional, multitemporal and multispatial. The methodology was restricted to the bibliographical survey, reading and listing of works and articles related to the theme in question. The text is structured in two sections; in which the affinity between science and art and the possibilities of interaction between Geography

and Literature. It is concluded that the Geography makes use of poetry, music, painting and literature as a way of expression. If literature is a mimesis of the world and geography the critical investigation of geographers, both are representations that make the world intelligible. Our intention was not to exhaust the reflections on the relationship between Geography and Literature, but to present a contribution to geographic analysis.

KEYWORDS: Geography. Landscape. Literature.

1 | INTRODUÇÃO

A evolução epistemológica pela qual passou, não só a geografia, mas as demais ciências trouxe para a metodologia científica um leque de possibilidades, especialmente, para as denominadas ciências humanas. Entre elas surgiram novas abordagens que valorizavam as diferentes culturas, as diversas identidades e as experiências vividas. Os métodos incorporaram a visão holística do mundo.

Surgiram discussões sobre as intrincadas relações entre Geografia/Literatura, Geografia/Arte. No Brasil esses estudos já despontavam desde a década de 1970 sob o enfoque da geografia humanística. A literatura tornou-se uma das alternativas de análise do espaço geográfico, mas como afirma um dos grandes expoentes da geografia nacional, é necessário entender de antemão que “[...] a literatura enriquece a geografia, porém não a substitui” (MONTEIRO, 2002 p, 19).

Em tempos passados havia uma resistência com relação a essa associação – ciência e arte – denotando uma postura marcadamente favorável ao discurso científico. A ciência geográfica deveria estar submetida a um conjunto de regras, técnicas e procedimentos rigorosos que atestassem as teorias e as suas hipóteses.

A par dessa nova abordagem humanista, buscamos nesse artigo, refletir acerca da interlocução entre ciência e arte apresentando algumas possibilidades para trabalhar o conceito de paisagem sob a luz da geografia contemporânea e da literatura. Neste sentido pretende-se realizar uma breve análise do conceito de paisagem nos contos literários: “Cidades contínuas” (1972) e “Férias num banco de praça” (1963) de autoria de Ítalo Calvino e “O Aleph” (1949) de Jorge Luís Borges. As reflexões serão desenvolvidas a partir dos conceitos de “Paisagem *container*”, paisagem moderna” e “paisagem esponja”.

A metodologia restringiu-se ao levantamento bibliográfico, leitura e fichamento das obras e artigos relativos à temática em questão.

Este texto encontra-se estruturado em duas seções principais nas quais serão abordadas a relação entre ciência e arte e as possibilidades de interação entre a geografia e a literatura.

2 | A CIÊNCIA E A ARTE

Há fenômenos que, devido a sua complexidade, não podem ser reduzidos a mera observação e descrição. Eles podem ter interpretações diversas e, ao invés de criar explicações podem levar a um labirinto de sensações. Talvez, existam “verdades” que não devam ser traduzidas numa teoria, mas na forma de arte.

Este pensamento é defendido por Nuñez (2010, p.73) ao afirmar que “há mais afinidades entre a arte e a ciência do que supõem a já ultrapassada divisão do conhecimento e a epistemologia clássica”. [grifos do autor]. Contudo, há entre elas contraposições, pois a ciência se baseia em pesquisas, investigações metódicas e sistemáticas e na exigência de que as teorias sejam internamente coerentes e digam a verdade sobre a realidade. A ciência é conhecimento que resulta de um trabalho racional. (Chauí, 2000). Desta forma, a ciência vista sob o prisma da epistemologia moderna afasta qualquer possibilidade de imaginação ou criação. É um conhecimento talhado na objetividade. Contudo, essa objetividade, na atualidade, pode ser questionada, especialmente, quando tratamos das ciências humanas.

Mas, entre a arte e a ciência há, também, afinidades. Assim, nos perguntamos qual o motivo de um artista produzir sua arte? Para Tolstói citado por COSTA (2009):

[...] a razão pela qual o artista produz uma obra de arte é que ele possui emoções únicas, importantes e incômodas, que ele no início discerne muito vagamente em si mesmo, e que quando tenta, não consegue transmitir aos outros. A única maneira que ele encontra de transmitir essas emoções aos outros é expressando-as sob a forma esclarecida e transformada na obra de arte. Por isso Tolstói conclui que a arte é uma atividade espiritual que amplia o horizonte humano, pois faz-nos ver o que não havíamos visto antes. (TOLSTÓI citado por COSTA, 2009, P. 197).

Existe algo em comum, portanto, entre o artista e o cientista, de acordo com o que Tolstói apontou. Ambos partem de um incômodo ou problematização. O problema surge na ciência a partir de uma inquietação científica, assim como, a arte é produzida a partir do que incomoda o artista. Ambos, por meio dos seus instrumentos de representação do real concretizam seu ofício. Arte e ciência, portanto, são formas de representar o mundo. A arte numa tentativa mais liberta e ampla, cujas explicações podem vir de sonhos, da imaginação, das memórias e etc. Enquanto as explicações científicas são amparadas nas teorias, métodos e técnicas.

Contudo, alguns autores como Bunge (1972, p. 40) defendem a ideia de que não deve haver uma cisão entre ciência e arte como podemos notar, a seguir:

A menudo se sostiene que la medicina y otrasciencias aplicadas son artes antes que ciencias, enel sentido de que no pueden ser reducidas a la simples aplicación de un conjunto de reglas que pueden formularse todas explícitamente y que pueden elegirse sin que medie el juicio personal. (BUNGE, 1972, p. 40).

Nos primórdios da geografia enquanto ciência descritiva do mundo os recursos artísticos eram utilizados para auxiliar na inteligibilidade dos fenômenos geográficos. Para traduzir o mundo o geógrafo explorava a imaginação. Assim, como é reforçado por Nuñez (2010, p. 84):

Quem pode afirmar que os geógrafos tenham se mantido infensos às projeções do imaginário e à mimese na representação do espaço geográfico? As cartografias históricas demonstram que a imaginação nunca esteve excluída do trabalho dos cartógrafos. (NUÑEZ, 2010,p. 84):

A geografia valia-se de instrumentos artísticos para traduzir o espaço. Num mundo em que o homem começa a descobrir-se nele, as experiências eram valorizadas. Os sentidos e a imaginação eram envolvidos nas descobertas. Eram nas experiências de suas viagens e expedições que o geógrafo descrevia o que via do espaço, muitas vezes, por meio de poesias, obras literárias e pinturas.

A cartografia do período da idade moderna demonstra, portanto, o trabalho em conjunto entre as técnicas artísticas e cartográficas. Nesta cartografia, encontram-se alusões à religiosidade, alusões aos “mitos de criaturas homéricas”, espaços de contornos imaginativos e etc. uma geografia original, livre, que não conseguia se dissociar da arte.

Além dos recursos artísticos que a geografia lançava mão, outra prova dessa relação intrincada entre a geografia e a arte, e que sempre se fará presente, é a sua imprecisão em representar o mundo. Por mais que a geografia moderna, com todo seu aparato tecnológico, tentasse se dissociar da arte, ela era incapaz de representar o mundo na sua forma real, reduzindo-se, assim, a mera representação da realidade. A arte, também representa através das suas diversas modalidades o mundo numa forma inteligível, porém imaginária.

Atualmente, cinco séculos depois, mesmo após o desenvolvimento epistemológico distanciar a geografia de suas origens, o homem contemporâneo tenta se reaproximar dessa geografia mística em que o imaginário se faz presente, em que a liberdade criativa é valorizada, em que as viagens e suas experiências vividas são descritas segundo os sentidos, olfato, tato, paladar, audição e visão, como se observa no mosaico (Figura. 01).

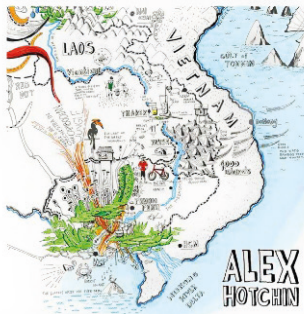
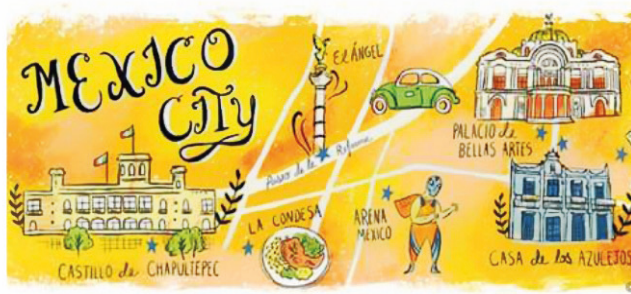


Figura 1 – Mosaico de mapas imaginários.

Fonte: “The drawandtravel” (Disponível em: <http://www.theydrawandtravel.com>).

São representações diversas da superfície da Terra, nenhuma igual a outra, uma vez que, a subjetividade criativa, assim como os números, têm natureza infinita. Representações que vão desde mapas *mundi*, com a presença de seres como as sereias, à mapas de países feito com desenhos de garrafa de cerveja. A imaginação, de fato, nunca esteve excluída da forma de descrever o mundo.

E a imaginação é a matéria prima das obras literárias. Através da observação e percepção das vivências os literatos descrevem o mundo, assim como, os geógrafos. Essa interação entre geografia e literatura será apresentada na próxima seção. A paisagem, em forma de texto, se faz presente também na literatura. Porém, não se deve encará-la como uma forma congelada. Em muitos textos literários a paisagem tem movimento,

inteligibilidade. A relação entre sociedade e natureza é exposta. É o espaço descrito metaforicamente, visto e vivido de acordo com o imaginário do autor.

3 | A GEOGRAFIA E A LITERATURA

Como afirma Nuñez (2010, p. 73) “Há mais afinidades entre a literatura e a geografia do que sonham a já ultrapassada divisão disciplinar e a epistemologia clássica”. Essas afinidades ficam mais evidentes no momento em que se percebe que ambas são meios de representação que tentam tornar o mundo mais inteligível, não se tratando somente da forma, mas de relações socioespaciais, culturais e econômicas. O espaço é descrito através de signos linguísticos na tentativa de explicá-lo.

Nuñez (2010, p.73), nesse sentido ressalta que “A dinâmica literária é presidida pela mimese, princípio organizador responsável pela representação de mundo, dos seres e das coisas, já a geografia, além de ser ciência, abrange os aspectos do espaço e as intervenções culturais”.

Assim como a literatura é uma mimese, “paisagem é uma instância de apreensão holística do humano e ao mesmo tempo mimese em que os processos de estetização e ficcionalidade se encontram esplendidamente concentrados” (NUÑEZ, 2010, p. 87). Na literatura a paisagem se encontra como metáfora da visão do autor. Aquilo que vê e sente, transcreve-se para um texto. O que se vê é simultâneo, mas o que se descreve deve obedecer a uma ordem, dessa forma, literatura constitui-se numa linguagem excelente para se conhecer as diversas paisagens do globo (MARANDOLA, 2004).

Diante do exposto, pretendemos a partir desse momento realizar uma breve análise do espaço geográfico utilizando o conceito de paisagem nos contos literários “Cidades contínuas” (1972) e “Férias num banco de praça” (1963) de Calvino e “O Aleph” (1949) de Borges.

Ítalo Calvino, escritor italiano do século XX, tornou-se famoso por várias de suas obras. Entre elas destaca-se “As cidades invisíveis” (1972). O autor demonstra uma “paixão” pela cidade. Não é, aleatoriamente, que a escolhe como o espaço de suas narrativas apresentando-o em constante movimento, se integrando e desintegrando, construindo e se desconstruindo.

As cidades para Calvino são inspirações, ora se confundem com o real ora se confundem com sua imaginação. “As cidades invisíveis” são espaços criados em sua imaginação e que só existem dentro dela. Contudo, não há dúvida de que todas essas cidades são obras criadas a partir de um referencial vivido.

Segundo Marandola (2004, p.84) a obra “As cidades invisíveis” se constitui em “[...] um grande atlas que nos leva a situações, lugares, paisagens e diferentes percepções da realidade.” (MARANDOLA, 2004, p.84).

Nota-se que apesar de Calvino ter uma linguagem concisa e enxuta os conteúdos

estão sobrecarregados de símbolos. Visto isto, subentende-se que a paisagem nesta obra, além de ser subjetiva e vivenciada, se configura como uma paisagem “*container*”, ou seja, uma caixa que comporta tudo o que existe na superfície da terra, seja o que é reconhecido a olho nu ou não, uma totalidade complexa ou algo semelhante à uma resultante de encaixes complexos (GOMES, 1997).

A obra “As cidades invisíveis” extrapola os fatos possíveis e imagina um diálogo fantástico entre Marco Polo (o maior viajante de todos os tempos) e Kublai Khan (o imperador dos tártaros) melancólico por não poder ver com os próprios olhos toda a extensão do seu domínio, faz de Marco Polo o seu telescópio (CALVINO, 1990).

Marco Polo descreve para o Imperador Kublai Khancinquenta e cinco cidades. Independentemente de elas existirem ou não, podemos perceber que as cidades possuíam características multiespaciais que podem ser encontradas em qualquer outro lugar do Globo. “Kublai valorizava os relatos de Marco Polo pela fineza de sua descrição e pela busca essencial que este empreendia em busca do sentido e ‘espírito’ de cada cidade. E encontravam as inúmeras cidades possíveis.” (MARANDOLA JR., 2004, p.5).

Ao observarmos os contos de “**As cidades contínuas**” as paisagens aparecem penetradas mutuamente, se confundindo umas com as outras. As paisagens são contínuas e sem identidade. “Se ao aterrissar em Trude eu não tivesse lido o nome da cidade escrito num grande letreiro pensaria ter chegado ao mesmo letreiro onde havia partido [...]” (CALVINO, 1990 p.54).

Em Trude a paisagem é genérica porque não possui identidade, se mostra globalizante, apresentando espaços idênticos aos outros, e sem vínculo afetivo. Marco Polo não precisava conhecer outras cidades do mundo para entender que Trude era igual a várias outras existentes. Ao chegar em Trude não sabia se tratava de outra cidade ou se era a mesma de onde havia partido.

Leônia mostra, por sua vez, a homogeneização do espaço através, sobretudo, do consumo:

[...] a cidade de Leônia refaz a si própria todos os dias [...] a opulência de Leônia se mede pelas coisas que todos os dias são jogadas fora para dar lugar às novas [...] os lixeiros são acolhidos como anjos [...] quanto mais Leônia expele, mais coisas acumula [...] talvez o mundo inteiro seja coberto por crateras de imundície cada uma como uma metrópole no centro em ininterrupta erupção. (CALVINO, 1990 p.48,49).

O consumo é uma das características marcante de paisagens globais. Através de Leônia, Calvino tenta descrever uma cidade que está cada vez mais comum nos dias de hoje. Metrôpoles gigantescas, com formas que desafiam a engenharia, formas comuns a qualquer outra metrópole do planeta e que, por isso, acompanham a economia do gasto, do “direito” ao consumo de novos objetos e de se entediar com o velho. No entanto, o autor revela um problema que essa paisagem ignora “o da geração de lixo”. Lixo enquanto lixo,

e não resíduo que se pode reaproveitar.

Igualmente ao problema do lixo, Calvino (1990) ao descrever Procópia, também atesta para o problema do aumento demográfico e, apresenta as características de uma cidade grande, como expresso no excerto a seguir:

Em Procópia [...] desde a primeira vez fiquei encantado ao contemplar a paisagem que se vê abrindo a cortina da janela: um fosso, uma ponte, um pequeno muro, uma sorveira, um campo de espigas de milho, um espinhal com amoras um poleiro, um costado amarelo de colina, uma nuvem branca, um pedaço de céu azul em forma de trapézio. [...] assim ano após ano, vi o desaparecimento do fosso, da árvore, do espinhal [...] ao erguer a cortina, a janela enquadra somente uma extensão de faces [...] o céu desapareceu [...] no meu quarto são umas vinte e seis pessoas. (CALVINO, 1990, p. 61).

A narrativa sobre a cidade mostra a paisagem em transformação. E, esta pode ser entendida, por alguns, como evolução e progresso. Aliás, “A etimologia do nome Procópia, palavra de origem grega, prokópios, que designa - que vai à frente, progresso - torna-se irônica, um alerta sobre as consequências desse modelo de progresso.” (SILVA, 2013, p.112).

Mais adiante, encontramos na cartografia de Cecília o contraste entre a paisagem urbana e rural, nos dizeres do narrador:

[...] - sou um pastor em transumância. [...] As cidades para mim não têm nome: são lugares sem folhas que separam um pasto do outro, e onde as cabras se assustam nos cruzamentos e se dispersam. [...] - Ao contrário de ti - afirmei, - eu só reconheço as cidades e não distingo o que está fora delas. Em Cecília [...] - Caminhamos há tanto tempo pelas suas ruas, eu e as cabras, e nunca mais se consegue sair... (CALVINO, 1990, p. 65).

Percebemos, nesta descrição/narração uma cidade que se confunde com o meio rural, em que não se sabe ao certo onde o personagem se encontra. O próprio personagem reconhece que consegue distinguir uma cidade, mas não o que está fora dela. É uma paisagem contínua, muito semelhante as cidades conurbadas. Formas e estruturas das paisagens do século XX que atestaram para uma transição do meio rural para o urbano.

Entendendo que existem espaços e tempos diferentes, esta paisagem do século XX se refere necessariamente as cidades que hoje se encontram em pleno desenvolvimento e já se distanciaram, de forma considerável, deste contraste entre o urbano e rural. Entretanto essas mesmas características são facilmente encontradas nos dias de hoje em cidades de países subdesenvolvidos. Há algo em comum, por exemplo, entre Cecília e Teresina-PI?

Chegamos a Penteseleia a cidade contínua descrita por Marco Polo “[...] você avança por horas e se não sabe com certeza se já está no meio da cidade ou se permanece do lado de fora [...] é apenas uma periferia de si mesma e seu centro está em todos os lugares, você já desistiu de saber.” (CALVINO, 1990, p.67-68). Assim como na cidade de Cecília em Penteseleia não há uma centralidade que indique as direções. É uma paisagem genérica que contribui para que seu visitante se perca. Não há identidade, não há distinção. É mais

uma “cidade contínua” que se perde na vista.

A paisagem nesta obra de Calvino é sentida e vivenciada. Os textos das descrições dessas cidades se dão de acordo com as experiências vividas de Marco Polo. Kublai Khan é o ouvinte e cria na sua imaginação todos esses espaços. Parece fácil compreender as narrativas que Marco Polo, uma vez que, as paisagens são resultantes das cores, sons, cheiros, sabores, formas, entusiasmos, decepções... Calvino consegue fornecer, em forma de texto, paisagens cujas inteligibilidades são inquestionáveis.

Se em “As cidades invisíveis” a paisagem é descrita para informar o ouvinte, em “Marcovaldo ou as estações na cidade” a paisagem é narrada como uma inquietação do próprio personagem. Mas, tanto para Marcovaldo quanto para Marco Polo a imaginação é soberana, embora tenham os seus próprios caminhos. (MARANDOLA JR., 2004, p. 8).

Em “Marcovaldo ou as estações na cidade” é narrado o cotidiano de um operário que busca a natureza em meio a uma paisagem urbana do século XX. Durante toda a narrativa, Marcovaldo trava um desentendimento constante com a paisagem urbana, bem característica do homem moderno, que se encontrava perdido nas memórias em meio aos processos acelerados de industrialização. Mas que memórias seriam essas? Não se sabe nada do passado deste personagem, porém, no decorrer da narrativa Marcovaldo demonstra-se insatisfeito com a cidade, como se não pertencesse a ela.

A narrativa deste personagem é estruturada em contos que obedecem a ordem das estações: primavera, verão, outono e inverno. Assim, no conto “Férias num banco de praça” a presença dos raios de sol amarelo, do calor, do verde tão fresco da grama leva o leitor a identificar, facilmente, a estação do verão.

Calvino também denuncia o cotidiano maçante do homem moderno trabalhando por 8 horas diárias limitando os períodos de lazer. O homem dessa paisagem não tem tempo para reflexões, ilusões, sonhos e etc. O homem dessa paisagem urbana apenas trabalha na tentativa de acumular riquezas. Porém, Marcovaldo se dá o direito de transpor tudo isto, mesmo que inutilmente. Marcovaldo “viaja”, delira, imagina vales de rios secos pelas ruas, sonha.

O incomodo que Marcovaldo sente pela cidade é apenas uma amostra da percepção que o homem, desta época, sentia em meio à cidade de concreto. As relações se davam como mercadorias, valores eram invertidos e o homem perdia a sua identidade e memórias.

Jorge Luís Borges, escritor argentino do século XX, apresenta uma literatura subversiva apresentando narrativas multitemporais e multiespaciais. Para Borges, o tempo é arbitrário e o espaço um labirinto em que ao mesmo tempo é possível se perder e se encontrar. O espaço metaforizado como labirinto instigando-nos a pensar a paisagem como um labirinto de redes complexas.

No conto “o Aleph” encontramos uma “paisagem esponja”, paisagem simultânea onde tudo acontece e se estabelece ao mesmo tempo. É uma paisagem sincrônica e ao mesmo tempo esponja, pois absorve tudo, não apenas o espaço complexo e contraditório,

mas um espaço multidimensional, pluritemporal, simultâneo, em que a ordem natural não é a que salta à vista, mas a evidência invisível, escondida no aparente ordenamento e reconhecimento do território (BANDEIRA; CATRICA, 2012).

A paisagem física do conto é evidenciada em um cenário típico das cidades modernas com painéis, estruturas de ferro, e mudanças constantes.

Na candente manhã de fevereiro em que Beatriz Viterbo morreu, [...] observei que os painéis de ferro da praça Constitución tinham renovado não sei que anúncio de cigarros; o fato me desgostou, pois compreendi que o incessante e vasto universo já se dela e que essa mudança era a primeira de uma série infinita. Mudará o universo mas eu não, pensei com melancólica vaidade. (BORGES, 2008, p. 87).

Outro fator peculiar, que chama atenção também para uma análise geográfica, é uma crítica metafórica que podemos aludir à epistemologia clássica da geografia.

Tão ineptas [...] essas idéias, [...] que logo as relacionei com a literatura; disse-lhe por que não as escrevia. [...] respondeu que já o fizera. [...] O poema se intitulava A Terra; tratava-se de uma descrição do planeta [...]

“Vi, como o grego, as cidades dos homens,

Os trabalhos, os dias de vária luz, a fome;

Não corrijo os fatos, não falseio os nomes,

Mas le Voyage que narro é... autour de ma chambre.” Uma única vez em minha vida tive ocasião de examinar os quinze mil dodecassílabos do Polyolbion, essa epopéia topográfica na qual Michael Drayton registrou a fauna, a flora, a hidrografia, a orografia, a história militar e monástica da Inglaterra; [...] esse produto [...] é menos tedioso que o vasto projeto congênere de Carlos Argentino. Este se propunha versificar toda a redondez do planeta [...] (BORGES, 2008, p. 89).

Na citação anterior Borges realiza, indiretamente, uma análise a respeito da geografia descritiva que se contenta com longas e enfadonhas anotações daquilo que é observado sem levar em conta as experiências cotidianas. O rigor na linguagem científica que descreve, mas não explica as paisagens.

Observando toda a sobrecarga de signos que se encontra na paisagem simultânea da esfera de o “Aleph”, pode se refletir acerca da própria história de vida de Borges. Perseguido por uma progressiva perda de visão durante a vida, talvez, Borges quisesse transcrever para o texto todas as paisagens, objetos, lembranças, sensações que tenha pode ver e sentir. Na literatura encontramos exemplos inumeráveis de narrativas sensíveis sobre a variedade de expressões existentes na perspectiva experiencial entre o indivíduo e seu mundo vivido, seu meio ambiente (LIMA, 2000).

Porém, em o “Aleph”, está também aquilo que a visão de Borges não alcançou. É uma descrição, através da percepção, de uma paisagem que está além do que os olhos podem enxergar. Tudo, exatamente tudo se vê no “Aleph”. Seria uma esfera representativa da própria Terra? Não somente da Terra, mas do Universo, o Universo que facilita a

compreensão do simultâneo?

Não queremos aqui esgotar, tão pouco “decifrar” o conto de Borges, mas apresentar os possíveis caminhos que este autor nos aponta, e que podem servir de análise sobre o espaço geográfico. A literatura de Borges é singular e, ao mesmo tempo, de natureza polissêmica.

4 | CONCLUSÃO

A arte e a ciência podem ter propósitos similares ao se preocuparem em traduzir e representar os diferentes fenômenos do mundo. A arte oferece ao homem uma gama de possibilidades - cores, sons, formas - que auxiliam na tradução do que é visto e sentido pelo artista. A ciência no seu rigor, também, fornece possibilidades de tradução do mundo, fazendo uso de métodos e técnicas que sistematizam os conhecimentos.

Apesar da relação estreita em tempos passados da geografia com a arte especialmente, no que na elaboração de mapas, pode-se dizer que aos poucos com a evolução da ciência houve uma tendência para a separação desses dois campos. Contudo, hoje se observa uma maior proximidade entre eles. A geografia faz uso da poesia, da música, da pintura e da literatura como forma de expressão. Se a literatura é uma mimese do mundo e a geografia a apuração crítica dos geógrafos, ambas são representações que permitem tornar o mundo inteligível.

Desta forma, buscou-se nesse trabalho, a partir das análises dos contos de Calvino e Borges, estabelecer essa relação entre geografia e literatura, tomando como conceito-chave a paisagem. E, percebendo-a como multidimensional, multitemporal e multiespacial. A nossa intenção não foi esgotar as reflexões acerca relação entre geografia e literatura, mas apresentar uma contribuição à análise geográfica.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, P., CATRICA, P. **Missão Fotográfica**: Paisagem Transgênica “Paisagens Transgênicas”, in (org), Lisboa: INCM, 2012.

BESSER, Jean-Marc. **Ver a Terra**: seis ensaios sobre paisagem e a geografia: tradução. Vladimir Bartalini – São Paulo, 2006. Perspectiva.

BORGES, Jorge Luís. **O Aleph**. Trad. Davi Arriguicci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. **Poesias**. [trad. Josely Vianna Baptista]. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p.38-40

BUNGE, M. **La ciencia: su método y su filosofía**. Buenos Aires: SigloVeinte, 1972.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. (trad. Diogo Mainardi) São Paulo: Cia. Das Letras, 1990. 150p.

_____. **Marcovaldo ou As estações na cidade.** Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. **Seis Propostas para o Próximo Milênio:** Lições Americanas. Trad.: Ivo Cardoso. São Paulo: Companhia das letras, 1990. Aline de Caldas[1].

COSTA, Cláudio, F. **O que é arte?** Artifilosofia, Ouro Preto, nº6, p. 194-199, 2009.

GOMES, Edivânia Torres Aguiar. **Recortes de paisagens na cidade de Recife:** uma abordagem geográfica. Universidade de São Paulo-FFLCH. São Paulo 1997.

LIMA, Solange Terezinha de. **Geografia e literatura:** alguns pontos sobre a percepção da paisagem. GEOSUL, Florianópolis. V. 15n. 30, 7-33. 2000.

MARANDOLA JR., Eduardo. **Narrativas calvinianas:** da descrição do explorador ao percurso do andarilho. Londrina, 2004. 17p. [inédito]

MONTEIRO Carlos A. de F. **mapa e a trama:** ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romancescas. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002. 242p.

NUÑES, Carlinda FragalePate. **Uma odisseia no espaço:** a geografia na literatura.- (Temas e Caminhos da Geografia Cultural) org. CORRÊA, R. L. ROSENDAHL, Z. ed. UERJ - Rio de Janeiro 2010.

SILVA, Ana Carina Oliveira. **Para uma Cartografia Imaginária.** Desfragmentação de "As Cidades Invisíveis" de Ítalo Calvino. Universidade do Minho. Escola de Arquitetura. Departamento de Arquitetura, 2013.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aprendizagem 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 88, 89, 90, 91, 97, 100

Asilo 1

B

Bem-estar 51, 101, 102, 103, 104

Biodiversidade 36, 39, 44, 45

Bioma caatinga 36, 39, 44

Brincadeiras 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81

C

Climatologia Regional 25

D

Dados Climatológicos 25

E

Educação Infantil 71, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81

Educação Integral 3, 5, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100

Estudantes universitários 101, 102, 103, 104, 111, 112

Evapotranspiração 26, 36, 38

F

Formação 3, 5, 11, 12, 20, 44, 71, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 97, 98, 99, 118, 121

Formação do professor 5, 82, 84, 85, 86, 87

G

Geografia 3, 4, 24, 25, 35, 36, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 68, 69, 70, 118

Gestão pública 46

H

História oral 11, 17, 18, 23, 24

I

Identidade 18, 19, 22, 65, 66, 67, 76, 79, 82, 84, 85, 86, 87, 89, 90, 91, 116

L

Literatura 3, 4, 4, 17, 59, 60, 63, 64, 67, 68, 69, 70, 118

M

Migração 3, 4, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 12

Migrações 3, 4, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 24

P

Paisagem 3, 4, 59, 60, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70

Planejamento urbano 3, 24, 46, 51, 52, 53, 57, 58

PLHIS 4, 46, 47, 48, 51, 52, 53, 54, 55, 57

Política Habitacional 46, 47, 48, 49, 50, 53, 54, 55, 56, 57

Pré-História 1

Programas 44, 49, 51, 54, 55, 58, 73, 90, 93, 110

Psicologia 17, 101, 104, 111, 112, 120, 122

Q

Qualidade de vida 101, 104, 111

R

Reconhecimento de estudos 4, 11, 23

Recursos naturais 36, 39

Refugiados 1, 7, 8

S

Saberes 3, 5, 82, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 98, 99

Saúde mental 5, 101, 102, 103, 106, 111

Série histórica 25, 30, 35

SNHIS 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 56, 57

T

Tempo Integral 3, 5, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99

🌐 www.atenaeditora.com.br

✉ contato@atenaeditora.com.br

📷 @atenaeditora

📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



O SABER (DES)INTERESSADO, ÚTIL E CRUCIAL DAS CIÊNCIAS HUMANAS

Atena
Editora
Ano 2021

🌐 www.atenaeditora.com.br

✉ contato@atenaeditora.com.br

📷 @atenaeditora

📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



O SABER (DES)INTERESSADO, ÚTIL E
CRUCIAL DAS CIÊNCIAS HUMANAS

Atena
Editora
Ano 2021